



QUESTÕES DE GÊNERO E AÇÕES DE PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: EXPERIÊNCIAS DO PROJETO CIDADANIA PARA TODOS¹

Área Temática:

Direitos Humanos e Justiça

Autor: Ester Eliana HAUSER²

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/Ijuí (UNIJUÍ)

Autores: J. G. NIELSSON³; J. T. C. LIMA⁴; E. M. SOARES⁵; A. M. MORESCO⁶.

Introdução

O presente relato de experiência propõe-se a apresentar e discutir as ações desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão Cidadania para Todos em relação aos temas gênero, sexualidade e violência. Trata-se de projeto de ação comunitária, vinculado ao Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais da UNIJUI, desenvolvido por alunos e professores dos cursos de Direito e Psicologia, cujo objetivo principal é promover ações de educação em direitos humanos e cidadania, estruturadas a partir de metodologias restaurativas nas quais a reflexão, o diálogo, a vivência de valores cidadãos e o protagonismo dos envolvidos são estratégias estruturantes.

Ressalta-se que a cidadania é resultado de um processo histórico de luta e de emancipação dos indivíduos em busca de direitos e da apropriação de bens materiais e culturais construídos socialmente. Esse entendimento norteia as atividades realizadas pelo projeto Cidadania para Todos, objetivando discutir com os estudantes, professores e comunidade e sensibilizá-los para a participação e para o protagonismo nos processos de concretização dos direitos consagrados, para transformação de relações desiguais de gênero, para a construção de relações sociais mais pacíficas ou não violentas e para a resolução de conflitos.

¹ Trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto de Extensão Cidadania para Todos da UNIJUÍ.

² Ester Eliana Hauser. Mestre em Direito (UFSC). Professora do Curso de Direito da UNIJUÍ, Coordenadora do Projeto Cidadania para Todos.

³ Joice Graciele Nielsson, Doutora em Direito (UNISINOS). Professora do Curso de Direito da UNIJUÍ.

⁴ Julia Thome da Cruz Lima, acadêmica do Curso de Graduação em Direito da UNIJUÍ.

⁵ Emanuele Maycá Soares, acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUÍ.

⁶ Andreila Maria Moresco, acadêmica do Curso de Graduação em Direito da UNIJUÍ.

Metodologia

Para o desenvolvimento das atividades são utilizados instrumentos e técnicas que favorecem a participação dos sujeitos, com a criação de espaços de reflexão e diálogo com especial ênfase em círculos restaurativos. No que tange ao debate em torno das questões gênero, violência e sexualidade, este tem sido desenvolvido por meio de círculos de diálogo, nos quais é utilizado um objeto da palavra como orientação do processo de fala e escuta.

Inicialmente são apresentados e discutidos valores como empatia, respeito, diálogo, igualdade/diferença, liberdade, paz entre outros, sendo os participantes estimulados a escolher qual destes consideram mais importante para a convivência cotidiana e qual deles deve orientar a conversa no círculo. Tal atividade permite a construção de um espaço diferenciado de reflexão e diálogo, no qual os valores mencionados são vivenciados pelos participantes e onde o protagonismo é fundamental.

Para a realização da atividade são utilizados uma lixeira e três bonecos, um deles representando um menino, com roupas e acessórios do “universo masculino”, outro retratando uma menina, de maneira estereotipada e, por fim, um boneco simbolizando um ser humano, sem nenhuma característica. Utilizam-se também comportamentos, características ou perfis, distribuídos no interior do círculo. Os participantes são provocados a escolher um comportamento e identificar a qual dos bonecos (menina, menino ou ser humano) a sociedade o atribui, construindo os estereótipos de gênero. Com os comportamentos posicionados nos bonecos, dá-se início a um momento de desconstrução de padrões que eles mesmos construíram. É nessa ocasião que muitos comportamentos são jogados na lixeira, sempre que o grupo entender que estes não devem ser praticados por ninguém. Como resultado, tem-se, em regra, um reposicionamento total dos comportamentos que são, em sua maioria, colocados na figura que representa o ser humano. Por fim os participantes são estimulados a refletir sobre possíveis ou necessárias mudanças de percepção e de atitudes em relação aos temas abordados.

Desenvolvimento e processos avaliativos

A perpetuação e reprodução de estereótipos e padrões diferenciados e hierarquizados entre homens e mulheres, ou entre seres humanos, tem gerado uma série de consequências nefastas, dentre as quais, a mais grave, a violência. Neste âmbito, o fenômeno da violência de gênero tem se desenvolvido como um grave problema social, que pode ser definido como a ação violenta produzida em espaços relacionais, como o espaço escolar, por exemplo, cujo centro de incidência se dá sobre a mulher, quer sejam estas violências físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais ou morais, tanto no âmbito privado-familiar como nos espaços de

trabalho e públicos. Neste aspecto, a escola é tida como um espaço relacional, uma espécie de arena cultural em que entram em confronto – e em diálogo – diferentes sujeitos e diferentes modos de significação do mundo, o que inclui modos diversos de criar sentido para a sexualidade, para o gênero, para si mesmo e para o outro.

No entanto, ao mesmo tempo em que se tem a escola enquanto espaço privilegiado de reprodução de relações de poder baseadas em estereótipos de gênero, este mesmo espaço pode ser fundamental para o rompimento deste ciclo e, portanto, o rompimento do ciclo de violência nele imerso. É esta a compreensão tida pelo Projeto Cidadania para Todos e é este o objetivo que pretende alcançar com o desenvolvimento de suas atividades práticas. Nesse sentido, torna-se urgente questionar as tradicionais atribuições de identidade perpetradas culturalmente em todos os espaços de convivência sociais, a fim de desvelar tais relações de poder. Conforme Guacira Lopes Louro (1997, p. 62), “Esquecemos que a identidade é uma atribuição cultural; que ela sempre é dita e nomeada no contexto de uma cultura”, “esquecemos que os corpos são significados, representados e interpretados culturalmente” e que diferentes sociedades atribuem significados diferentes às características físicas: determinados traços ou características podem ter importância e se constituírem em "marcas" definidoras, ou, ao contrário, permanecerem banais, irrelevantes.

Considerações Finais

As oficinas de gênero apresentam-se, dentro do universo das práticas restaurativas, como espaços de reflexão, prevenção e transformação, nos quais os sujeitos podem refletir sobre padrões “dados pela cultura” que ao longo do tempo se tornaram colados ao gênero seja masculino ou feminino. No momento em que essas questões vêm à tona evidenciam-se conflitos os mais diversos, pois coloca-se em discussão o que está instituído e se manifesta culturalmente como “verdade”. A atividade permite refletir sobre a cultura instituída e tomada como verdadeira sem questionamentos internos ou externos, provocando movimento e tomada de consciência, ao retirar os sujeitos de sua zona de conforto e segurança. A oficina desacomoda, produz deslocamentos e, por isso, possibilita mudanças.

Referências Bibliográficas:

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.